

ATRAVESSAMENTOS DA PANDEMIA DA COVID-19: OLHARES PARA OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO

MARTA CORDEIRO DA SILVA GOMES

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação, Culturas e Identidades – PPGEI da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, martacordeiro668@gmail.com

RITA DE CÁSSIA DE ALMEIDA SANTOS

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação, Culturas e Identidades – PPGEI da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, almeidacassia11@gmail.com

RESUMO

O presente artigo traz reflexões sobre ensino e aprendizagem, nas transformações sociais referentes ao “novo”/digital que a pandemia da covid-19 estabeleceu, as “urgências” demandadas e as perspectivas de utilização de artefatos, como as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), por profissionais da educação. Essas reflexões desdobram-se desde a educação básica à educação superior. Trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa, em que se focalizou os atravessamentos dos sujeitos, por meio da aplicação de um questionário *on line*, com questões sobre o acesso a ferramentas das TDIC nas escolas públicas e privadas, o uso dessas tecnologias por professores, o teletrabalho docente, a distribuição das horas de trabalho, a aprendizagem dos estudantes com relação aos conteúdos nesse formato atual de aulas remotas e as possíveis dificuldades experienciadas neste processo. Os sujeitos participantes são professores e coordenadores das redes de ensino públicas e privadas, aos quais tivemos acesso por meio de redes sociais digitais. Os resultados apontam para alguns aspectos importantes quanto a discordância sobre o funcionamento das atividades remotas na rede pública, assim como o aumento de horas de trabalho em ambas as redes, além de apontar para dúvidas e inseguranças de professoras/es que não acreditam em um ensino remoto com a mesma qualidade ao aprendizado que as aulas presenciais no chão da escola.

Palavras-chave: Aulas Remotas; TDIC; Rede Pública; Rede Privada; Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, tem-se como objetivo apresentar as perspectivas de utilização de artefatos digitais, estabelecidos em nossos contextos contemporâneos como Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), por profissionais da educação e refletir sobre a “urgência”, na tentativa da adequação ao “novo”/digital por esses profissionais, desde as esferas da educação básica à educação superior. Sob a ótica de duas professoras mestrandas do Programa de pós Graduação em Educação, Cultura e Identidades (UFRPE/FUNDAJ) e pertencentes às redes de educação privada e pública de Pernambuco, são focalizados aspectos das mudanças convergentes de uma pandemia que tem assolado o mundo no século XXI.

As autoras que aqui escrevem são professoras, pesquisadoras atravessadas pela pandemia da Covid-19, sem perspectivas claras de como serão os próximos capítulos da vida humana, com mais perguntas do que respostas, com mais dúvidas do que certezas, mas com a clareza de que a pandemia potencializou vulnerabilidades como medos, angústias e sentimentos e desafios; a pandemia nos depositou e freou para refletirmos sobre o hoje, sobre a agitação contemporânea, sobre a emergência de olhar para a/o outra/a, sobre a necessidade de olhar para nós.

Este artigo traz reflexões sobre o trabalho das/dos professores na pandemia que chegou ao nosso país no início do ano de 2020, e seus atravessamentos, que estão interligados às experiências. Larrosa (2014) apresenta os atravessamentos como algo que nos toca e nos transforma. Na sociedade da informação, podemos observar um excesso de informações que tomam conta das nossas vidas, mas o autor nos apresenta que “a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2014, p.18).

Assim, buscamos discorrer sobre aulas remotas, que se tornaram realidade, a enxurrada de informações sobre o tema, mas centramos nos sujeitos que experienciam essa realidade como docentes. Nosso interesse é mediado por significados de uma realidade que nos atravessa enquanto profissionais e pesquisadoras, uma vez que desenvolvemos pesquisas voltadas às contribuições, interferências e atravessamentos das TDIC no cotidiano escolar.

Para realização deste artigo, fizemos uso de referenciais teóricos trabalhados pelas autoras em pesquisas e leituras anteriores, em trajetórias

acadêmicas e de pesquisa, sobretudo porque muitas/os das/os autoras/es que estudam as TDIC sempre apontaram e enxergaram nessas ferramentas e na Internet, potencial para mudanças significativas nas vidas das pessoas (LEVY, 1999). Além disso, pode-se realçar o jogo de interesses que já rondava a criação da Internet, enquanto arma em potencial para grandes transformações nos modos de ser e conviver, abrindo-se para interesses diversos, muitos deles com visões estratégicas de negócio e mercadológicas.

Não pretendemos aqui fazer uma crítica às instituições que adotaram as aulas remotas, como também não estamos em defesa das mesmas. Acreditamos que é preciso reflexão e um olhar atento, com uma agenda de pesquisas nas áreas diversas da educação e da psicologia, como currículo, políticas públicas, desenvolvimento humano, ensino e aprendizagem, bem como pesquisas sobre os potenciais de redes e ferramentas, mas, principalmente, a preocupação com os sujeitos do processo precisa estar em foco.

Pretende-se abordar sobre a pertinência e o alcance de aulas e realizações práticas do fazer docente, mas direcionando o nosso olhar aos sujeitos que experienciam.

O processo de transformação de suas atividades práticas, de trabalho. Vamos ajustar o foco aos docentes, que tiveram suas rotinas alteradas, e que se depararam com o novo, com o inusitado, com a emergência de demandas que requerem tomar/pensar decisões a respeito do que fazer, de como fazer, de como alcançar, processar e atuar em meio a uma catástrofe que vem sendo assistida por todas/os, de modo síncrono e assíncrono, audiência esta, facilitada pela convergência de mídias e suas conexões (JENKINS, 2008; JENKINS, FORD E GREENE, 2014).

O mundo precisou implementar novas formas de viver, conviver e sobreviver após a disseminação de um vírus, o chamado Novo Coronavírus - Covid 19, que se espalhou pelo mundo afora, tendo seu início na China e até então, todos nós independente de idade, classe social, gênero, raça, estamos tentando criar meios de sobrevivência, bem como pensando e nos adaptando ao uso de plataformas digitais para trabalhar, comunicar, conciliar estudos acadêmicos e ainda tomar como ferramentas de escape da solidão, em meio ao isolamento domiciliar com o qual temos tido como real situação responsável e necessária.

Houve uma proliferação de realizações digitais, publicações como ebooks, cartilhas com o exemplo da que foi publicada recentemente pela HUB Educat UFPE (OLIVEIRA et al, 2020), com objetivo de auxiliar

profissionais e pais na educação remota durante o confinamento nos lares, realização de Seminários, Conferências, Simpósios e um incontável número de serviços *online* realizados constantemente nas redes sociais digitais e ainda a liberação constante de recursos em plataformas como da Google, Facebook, Youtube entre outras, o que faz com que os profissionais da educação, especialmente, consigam ou tentem dar andamento às propostas demandadas nas/das escolas e municípios.

Podemos refletir sobre as cobranças que as/os professoras/res passaram nesse período como: preocupação com as/os estudantes e a quebra do ritmo de aprendizagem, o desassossego em pensar sobre as angústias e anseios das/os educandos do último ano do Ensino Médio, das crianças da educação infantil, por razões óbvias de interação, concentração, convivências com os pares e tantas outras questões que preocupam pais, professores e a educação em geral.

Sobretudo, há grandes perspectivas, preocupações e frustrações em muitos jovens do Ensino Médio, com a aflição de não saber se terão um emprego, pós- pandemia, sejam jovens das escolas privadas ou públicas, sejam por serem professoras/es contratadas/os desta última, sejam as/os profissionais da rede privada. Quando a pandemia acabar, essas crianças, jovens e adultos/os estarão lá? Com o término da pandemia, que sujeitos retornarão às escolas?

Observamos pessoas sendo desafiadas a essa nova realidade, “todas/os” forçadas/os a conviver com o vírus e a viver com novas formas de se relacionar, trabalhar, estudar, entre outras, como já mencionadas, de um lado professoras/res correndo contra o tempo na urgência de aprender como utilizar as ferramentas das TDIC para ministrar aulas, do outro lado, pais e responsáveis “isoladas/os” numa ilha (suas casas) acompanhando os novos modos de ensinar e aprender.

Essas “novas” formas de aulas, cuja novidade vem mais do momento de pandemia do que dos artefatos tecnológicos, já que as propostas de ensino a distância e atividades remotas para a educação já existiam, passaram a ter locação em quartos, salas, cozinhas, diferentes cenários, que tornaram-se lugar de encontro para os estudos.

Com isso não queremos dizer que tem sido fácil, pelo contrário, as diferentes realidades e, principalmente, a desigualdade social se fez evidente na pandemia, realçando exclusões sociais. A falta de instrumentos e internet foi um dos menores problemas, para quem estava lutando por comida e para viver.

As aulas remotas escancararam as desigualdades em vários sentidos, crianças, jovens e adultos sem acesso à internet, sem ferramentas/instrumentos para assistir a vídeos, estudantes que precisam se deslocar em meio ao distanciamento indicado pelas medidas sanitárias, para conseguir o acesso à educação, quando está, teoricamente, seria assegurada por Lei.

Diante do contexto, há ainda uma grande preocupação com relação aos sujeitos das escolas públicas que não estão alfabetizados, muitos vivem em contextos complexos no que diz respeito à moradia, à estrutura familiar, condições financeiras, acesso às ferramentas das TDIC e tantos outros fatores que arriscamos dizer que são muitos, sujeitos que frequentam especialmente as escolas públicas.

É sabido que muitas pais não deixaram de trabalhar e muitas/os não estavam em casa para dar a assistências aos filhos, e para muitas/os a rotina de trabalho continuou em modo de teletrabalho, o que se pode pensar nisso também como um problema, no sentido que muitos pais e mães têm deixado suas crianças na escola para trabalhar e diante da pandemia, essa é mais uma preocupação para as famílias.

Outro elemento eminentemente relevante de se registrar aqui é, conforme Coll et al (2010), relativo aos chamados fatores que tiveram sua parcela de contribuição para o expansivo crescimento das novas modalidades de ser, viver e trabalhar. São as “sociedades virtuais”, denominadas pelos teóricos acima como sendo:

[..] (corporações virtuais, bibliotecas virtuais, aulas virtuais, etc.) e as práticas a elas relacionadas (comércio eletrônico, *telemarketing*, teletrabalho - ou trabalho remoto - tele-educação - ou ensino a distância -, telemedicina, trabalho cooperativo apoiado por computador, teledemocracia, etc.) são de natureza muito diversa (COLL, et al , 2010, p. 16)

Essas sociedades virtuais, como denominaram os teóricos, são postas em prática mais do que nunca nos últimos meses em que estamos confinados em nossas casas e tivemos que reinventar novas formas de ser, viver, aprender, distrair, comunicar, matar as saudades, trabalhar por via das plataformas digitais e tantos outros modos de existência em tempos de pandemia. Cabe evidenciar que mais do que nunca, estamos em tempos de “teledemocracia”, e boa parte dos nossos relacionamentos são pelas vias digitais. Nessa direção, Castells (2003) anuncia que:

Como nossa prática é baseada na comunicação, e a Internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la de muitas maneiras, nós transformamos a própria Internet (CASTELLS,2003, p. 10).

Há uma década, Coll et al (2010) também enfatizavam sobre a incorporação das TIC na educação e os desafios que poderiam ocorrer no ensino e aprendizagem das e com as mesmas. Essa incorporação ganhou mais rapidez na esfera privada, sendo apontada e “vendida” como um diferencial em aulas com o uso da informática, da robótica, entre outras. As TDIC começam a entrar no currículo das escolas do Brasil aos poucos e ganham cada vez mais espaço, seja pela emergência e realidade dos espaços educativos e das comunidades que as compõem, seja pela necessidade de dialogar com a linguagem das/os novas/os alunas/os, pois conforme apontam os teóricos acima:

Todos os indicadores apontam na direção de uma incorporação crescente das TIC no currículo escolar e não há razão para pensar que o ensino e a aprendizagem do manejo e domínio destas tecnologias possa apresentar maiores dificuldades que o ensino e a aprendizagem de outros conteúdos curriculares (COLL et al, 2010, p. 87).

Passados os anos da publicação da obra acima referida e em meio ao atual contexto de confinamento que atravessamos, percebe-se a possibilidade de inserção das TDIC na educação de maneira que elas passaram a adentrar os mais diversos contextos, seja da escola privada ou da pública, ainda que desta última possamos apontar muitas limitações, potencializadas e potencializadoras de desigualdade.

Concordamos com Vigotski (2010) quando o mesmo diz que a “aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero.” (VIGOTSKI, 2010, p. 109). No entanto, nas práticas sociais interativas possibilitadas pelos espaços escolares, as crianças alcançam novos níveis de desenvolvimento, com significados compartilhados, que passam a mediar suas ações cotidianas, produzindo sentido para as mesmas. Visto por este aspecto, não necessariamente precisaríamos da obrigatoriedade do espaço físico da escola para construir aprendizagem, visto que nós seres humanos, mediante as relações sociais, vamos construindo aprendizados outros nas mais diversas práticas. Porém, os alcances nas relações com os pares e com

os professores, na corporeidade afetiva dessas relações em espaço escolar, favorece condições para uma diversidade de práticas mediadas, potencializando aspectos do desenvolvimento a partir da organização e sistematização do saber, em diálogo com o cotidiano.

No entanto, as condições materiais para a multiplicidade de alcances discursivos e relações mediadas por TDIC torna-se desigual, se olharmos para o contexto de pandemia experienciado, como questões outras que atravessam alguns de modo diverso, perpassam suas realidades com um processo de luto mais severo, pessoas ficando doentes, outras que estão sem trabalhar, estão sem renda, pessoas que não têm acesso a uma internet de qualidade ou ferramentas das TDIC, e ainda aquelas pessoas que tiveram que continuar trabalhando na linha de frente no combate ao vírus. Além disso, temos crianças e jovens que estão sem acompanhamento dos pais e/ou responsáveis, que por inúmeros motivos.

A autora Cláudia Prioste (2016) em sua pesquisa apresenta alguns interesses das/os jovens na internet, onde evidencia como jovens de escolas públicas e privadas enxergam a internet e seus interesses nela; enquanto as/os jovens da rede pública apresentavam esse recurso tecnológico como uma forma de diversão e interação social, as/os da rede privada apresentavam a internet como ferramenta de ampliação de conhecimentos e questões mais técnicas como utilizar as ferramentas disponíveis na rede para construir projetos e trabalhos.

Dessa forma, tomadas tais ideias por uma abordagem histórico cultural, entende-se que a aprendizagem ocorre imersa em situações práticas, atividades, conforme esses sujeitos são motivados e, sobretudo, como são motivados pelos processos interativos, produção de sentidos sobre conteúdos em rede ou por ações organizadas por mediadores que, nesse caso, seria o/a professor/a.

A motivação age, assim como outros aspectos de desenvolvimento da aprendizagem, conforme Campos (1971), “[...] tais como o desejo de sucesso, a necessidade de aprovação social, a necessidade de realização, curiosidade etc., que poderão ser empregados pelos educadores para maior eficiência da aprendizagem.” (CAMPOS, 1971, p. 115)

Ou seja, as necessidades sociais podem acarretar a aprendizagem sobretudo se os sujeitos estão de alguma forma motivados, envolvidos em uma atividade que desperta interesse seja provocado pelo próprio meio, pelos pares, ou por um professor que orienta/motiva na interação em redes digitais. Embora o resultado encontrado na pesquisa citada pertença às especificidades e realidades dos sujeitos da pesquisa de Prioste

(2016), o trabalho da autora nos convida a refletir sobre algumas questões importantes quanto ao uso da internet. Assim, nos convida a pensar também sobre elementos importantes como classe social, gênero e cor, e como tais elementos influenciam nesse momento.

Nesse contexto, dependendo das condições sociais da existência dos sujeitos que participam de atividades educacionais mediadas pelas TDIC, essas condições podem favorecer ou desfavorecer a motivação, ampliando, em vez de resolver os problemas da exclusão social, por aumentar o fosso de desigualdades e vulnerabilidades a que estamos sujeitos.

Como abordado, para Larrosa (2002), a experiência vai além da informação. Ela é o que nos acontece e nos toca, de modo que a sociedade da informação, as aulas remotas, as interações mediadas por aplicativos e possibilidades de acessos a tantos artefatos digitais de informação e comunicação, não garante que os sujeitos que estão isolados sejam de fato tocados. Nesse tempo de aulas remotas, o passar/transmitir informação, não quer dizer que os sujeitos atravessados por essas mudanças estejam construindo conhecimento, mesmo na experiência educativa remota. (LARROSA, 2002, p. 22)

1.1 PANORAMA DA EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA ESFERA PÚBLICA E PRIVADA DURANTE A PANDEMIA DA COVID 19

Considerando a extensão territorial do Brasil, e a autonomia dos estados e municípios frente às orientações das instâncias regulamentadoras da educação, a pandemia fez com que a organização dos processos de ensino federais, estaduais e municipais tomassem medidas diferenciadas com relação a dinâmica do isolamento social, com tentativas de bloquear a proliferação do Vírus entre a população nas várias esferas sociais, entre elas as escolas.

Tendo em vista que a instituição escolar é o espaço social que mais concentra pessoas diariamente, o Estado de Pernambuco, assim como outros estados brasileiros, levou em consideração a realidade do impacto que teve a pandemia, para adotar as medidas direcionadas ao bem estar das/ dos estudantes e profissionais da Educação.

Em relação a esfera privadas, muitas escolas adotaram as aulas remotas em todas suas etapas, já a pública, cada município seguiu medidas distintas, muitas adotaram aulas remotas por plataformas digitais

com uso da Internet ou por uso de TV aberta, a exemplo do município de Caruaru - PE que utilizou a TV Câmara para as aulas remotas pública. Já na Educação Superior, com relação a graduação, as instituições públicas não adotaram as aulas remotas, medida que vem sendo realizada gradualmente, mas não antes de um amplo levantamento sobre as condições dos sujeitos discentes e docentes e as condições específicas a cada contexto de ação; já para a pós-graduação, algumas instituições públicas federais escolheram seguir seus calendários por meio das aulas online/remotas.

As ferramentas disponíveis e o uso de plataformas digitais e Internet, antes utilizadas por muitos mais efetivamente para fins de lazer e entretenimento, como assistir vídeos, acessar redes sociais, para o divertimento e aprendizados outros, tornou-se ponto de encontro, substituindo bares e praças, tornou-se espaço de utilização de serviços variados que necessitaram de uma reinvenção, como os serviços de psicologia e prevenção à saúde mental, por exemplo, além de sala de aula das/os estudantes, tornou-se o ponto de aproximação com aquelas/es que fazem/faziam parte das rotinas escolares.

Uma das questões que observamos nos últimos meses, é a preocupação em apresentar às/aos professoras/es possibilidades de formações pedagógicas que possam oferecer estratégias, meios e ferramentas para mediar atividades e aulas remotas, o que consideramos compreensível, na medida que, para muitas/os, há um desconhecimento em relação a esses mecanismos. É compreensível, uma vez que as escolas tiveram que agir na urgência e emergência das aulas.

A rede privada se viu na obrigação de manter esse trabalho para não perder as/os alunas/os (movidas por questões econômicas e, muitas vezes, mais mercadológicas do que pedagógicas). Na rede pública da educação básica, também houve manutenção de atividades, em que muitos professores estão tendo que se redescobrir e reinventar as formas de ensinar, com orientações do Conselho Nacional de Educação e do Ministério da Educação, na tentativa de não perder seus contratos de trabalhos, considerando o grande número de professores com contratos temporários que existem em municípios como Caruaru. Nas instâncias da educação pública superior, os docentes estão respondendo com frequência, semanal e mensalmente, questionários e relatórios de atividades tanto ao MEC, como a outros ministérios, como o da saúde e o da economia, para certo monitoramento da situação durante a pandemia. Importante mencionar que as atividades das universidades públicas implicam um amplo

calendário de pesquisa e extensão, que não pode parar, mas precisou reorganizar-se e mesmo reinventar-se para o contexto atual.

Se considerarmos os conteúdos acessados em redes, por exemplo, em vídeos e canais na internet, antes da pandemia, podemos dizer que direta ou indiretamente fomos/estamos sendo educadas/os a fazer outras buscas, assistir outras palestras e realizar seminários de modos diversos, que nos colocam em novas posições frente ao outro, novos desafios no estar no mundo, com nossos corpos, como na realização das ações conjuntas a distância, pela grande rede mundial de computadores.

Exemplos são as presenças em *lives* (ao vivo), as quais concentram uma gama variada de temas, em que destacamos: saúde emocional, produtividade na pandemia, e formações para aulas remotas e aprendizagem a distância, muito orientando-se ao ensino híbrido. Essas *lives*, pelo nosso atravessamento, e nas motivações que nos moveram a algumas buscas, como profissionais e pesquisadoras, são mediadas por profissionais em diversas áreas, e notamos que grande parte das que pudemos vivenciar estiveram orientadas as/os professores, porém com preocupação focalizada mais no trabalho, ao como fazer, como trabalhar, ao que a/o professora/professor desenvolveria durante a pandemia, profissionalmente nas situações educativas, do que no profissional propriamente, no sujeito em seu atravessamento.

2. METODOLOGIA

Este estudo configura-se em um levantamento, que parte das inquietações de professoras e suas experiências, também como pesquisadoras, atuantes na educação pública e privada. Buscou apresentar as perspectivas de utilização de artefatos das TDIC por profissionais da educação, quanto à “urgência” de adequação ao “novo”/digital, para uma possível rotina de ensino e aprendizagem ofertada aos estudantes que estão impossibilitados de frequentar/habitar/ocupar os espaços físicos das escolas, e mesmo de tentar manter os empregos dos profissionais, tanto da educação básica como da superior, em tempos de dificuldades horizontais devido a pandemia da Covid 19.

Esta que se configura em uma pesquisa de cunho quali-quantitativo a qual tem o intuito de compreender o que dizem os profissionais de educação sobre sua experiência como profissionais nestes tempos, bem como sua perspectiva de uso das TDIC, na tentativa de reinvenções socialmente responsáveis de educação ou novos modelos de educação,

para uma educação remota ou educação a distância, também modelos híbridos, em tempos de confinamento domiciliar tanto dos profissionais como dos estudantes, de acordo com Minayo (2002):

Não existe um “continuum” entre “qualitativo-quantitativo”, em que o primeiro termo seria o lugar da “intuição”, da “exploração” e do “subjetivismo”; e o segundo representaria o espaço do científico, porque traduzido “objetivamente” e em “dados matemáticos”. [...] O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia. (MINAYO, 2001, p. 23).

A autora reforça a importância desses dois elementos da pesquisa enquanto qualitativo e quantitativo, apresentando que os mesmos se complementam, visto ser esse conjunto de dados que não se opõem, não se dividem.

Para coleta de dados da pesquisa, nos apoiamos nas lentes de teóricos como Oliveira (2014) e Larrosa (2014). Assim, para a produção de dados, não adotamos a observação participante, mas um levantamento, por meio de questionário *on-line*, com questões de múltipla escolha, enviado aos possíveis respondentes em junho de 2020, ficando assim o documento aberto para o recebimento de respostas até o presente ano (2021) na tentativa de que aqueles profissionais aos quais o documento foi enviado respondesse a seu tempo. Dessa forma, Gil (2008) vem evidenciar questionário como:

[...] a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimento, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121).

Nessa lógica, objetivamos obter informações referentes ao processo que estamos atravessando e a relação com o trabalho e vida tanto de profissionais como de estudantes que ainda podem se encontrar confinados em seus lares.

Considerando o isolamento social, para coletar dados, fizemos uso do questionário *online*, este que, segundo Nunes (2019), ganha cada vez mais espaços nas pesquisas, nos instrumentos de coletas. Como bem

lembra o autor, ainda que, minimamente, a internet marca presença nas pesquisas, seja para organizar dados, transcrições, edições de imagens. O autor ainda aponta que “[...] fazer pesquisa hoje, portanto, implica utilizar, no mínimo, a internet em algum momento do processo” (NUNES, 2019, p.93).

No caso da situação de pandemia e do responsável distanciamento social a que nos submetemos, usamos o questionário *online*, como uma necessidade nesta pesquisa, com professores da rede pública e privada, com intuito de refletir como tem sido o ensino e aprendizagem nas aulas remotas e apresentar as perspectivas de utilização de artefatos das TDIC por profissionais da educação, capturando os atravessamentos desses sujeitos sobre a “urgência”, na tentativa de adequação ao “novo”/digital de profissionais da educação básica à educação superior.

Foi elaborado um questionário no Google *Forms* com 33 questões sobre o acesso de ferramentas das TDIC nas escolas, o uso por professores e estudantes, o trabalho docente em *home office*, as possíveis dificuldades enfrentadas para lidar com as ferramentas, para dar conta das aulas remotas, horas de trabalho, a aprendizagem dos estudantes com relação aos conteúdos no atual formato e em seguida, editado e encaminhado a professores e coordenadores por meio de redes sociais como Facebook e WhatsApp.

Durante a elaboração do questionário, cada pergunta nos convidava a realizar outra pergunta, até porque estávamos lidando com públicos diferentes e, como professoras e pesquisadoras, éramos atravessadas pela experiência de refletir sobre o outro, sobre nós mesmas em nosso fazer, até chegar ao ponto de fecharmos esse quantitativo de questionamentos que, por hora, contempla o que objetivamos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que uma pandemia não faça parte dos planejamentos da vida das pessoas, as perdas são irreparáveis, pessoas perdem a vida, muitas/os próximas/os a essas não conseguiram se despedir, algumas/os perderam pais, mães, avós, avôs, filhas/os, tias e tios, perderam um pouco de si, de saúde, de segurança, de certezas e planejamentos. Há um enlutamento provocado, que gera um misto de emoções nem sempre de fácil ajuste e organização mental para o equilíbrio emocional.

A educação formal, em meio aos lutos, teve que repensar seu planejamento anual, teve que buscar novas formas de alcançar as/os suas/

seus estudantes em um processo emergencial, com pouco tempo para reflexão. Para muitas/os pais, professoras/os e alunas/os, 2020 e 2021 se configuraram em anos perdidos e sem muito proveito no que concerne à educação, recaindo sobre a escola e os professores responsabilizações e cobranças. Mas o que aprendemos a “duras penas” com tudo que tem acontecido?

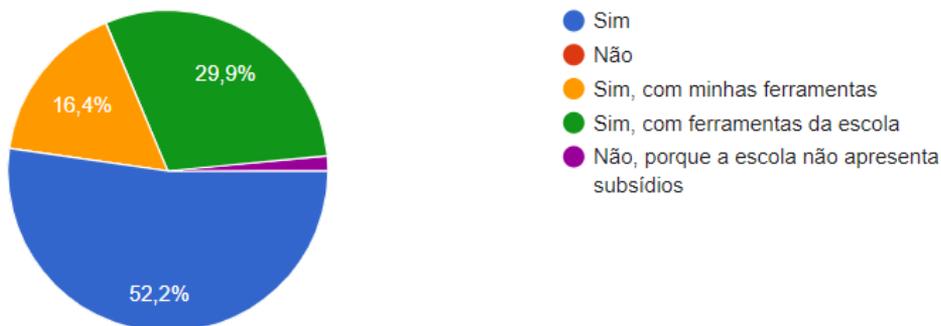
Em se tratando dos questionários enviados, as questões foram analisadas com um foco na experiência de professoras/es, capturadas nas respostas, as quais indicam aspectos relevantes, como a discordância sobre o funcionamento das aulas remotas na rede pública, assim como o aumento de horas de trabalho nas duas redes. As respostas também apontam para experiências de professoras/es que não acreditam que o ensino remoto possibilite o mesmo aprendizado que as aulas presenciais, aspecto que inquieta o próprio fazer docente em tempos de isolamento e aulas remotas.

Não pretendemos aqui apresentar uma resposta pronta e acabada, sobretudo, porque acreditamos que essa experiência que atingiu o todo, também tocou de forma particular cada uma/um. Mas gostaríamos de refletir sobre algumas questões, pois acreditamos que a pandemia veio escancarar o poder e importância da internet e de suas ferramentas, mostrando que na esfera pública, questões antigas como: desigualdade social, falta de energia elétrica em alguns lugares, problemas relacionados à alimentação, falta de atendimento médico, falta de acesso à internet e a busca por ferramentas adequadas e atualizadas ainda assombram e dificultam a garantia do acesso à educação.

Na esfera privada temos escolas, equipes pedagógicas, professoras/es, marketing e demais funcionários que não trabalham diretamente com o fazer pedagógico, preocupadas/os em não perderem seus empregos, não perderem suas/seus alunas/os, em exibir e divulgar um material que agradasse a pais e alunas/os, haja vista que as salas de aulas estavam dentro da casa das/os estudantes, além das preocupações com planejamentos de aulas, preparação com as ferramentas, novidades atrativas, entre outras. Há uma necessidade de aprovação social que foi potencializada, com a pandemia, pela possibilidade de uma valoração ou um julgamento social que incide sobre suas ações.

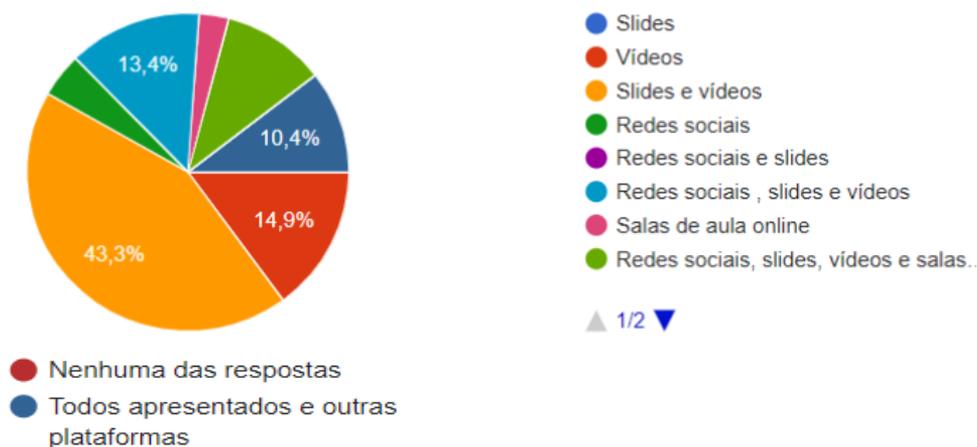
A pandemia mostrou as contradições, de modo explícito, como a desigualdade social estampada em diversos contextos na educação. Mostrou também que muitas das ferramentas e produções podem continuar sendo aproveitadas e incluídas nas aulas presenciais, valorizando o

papel docente, já que o trabalho das/os professoras/es passa longe de ser uma tarefa fácil, evidenciado que a distância escola-família precisa diminuir e fortalecer laços. Pais e mães que não costumavam estar presentes na educação de suas/es filhas/os sentem pouco a pouco a necessidade de se aproximar, haja visto que a educação escolar necessita dessa participação. Com base nestas reflexões apresentamos alguns dados nos gráficos das páginas que se seguem.



Em relação à utilização de recursos digitais antes da pandemia, os sujeitos responderam que utilizavam esse tipo de recurso em suas aulas presenciais em um total de 98,5% sendo que 16,4% utilizaram suas próprias ferramentas/instrumentos digitais e 29,9% usaram instrumentos/ferramentas disponibilizados na escola, 52,2% responderam que utilizaram sim.

Com base nos dados das respostas anteriores, a questão seguinte se refere aos recursos digitais no espaço escolar, dos quais ganha destaque slides e vídeos com 43,3% conforme gráfico abaixo:



A Covid-19 evidenciou algo que muitas/os professoras/es das redes públicas já experienciavam nos atravessamentos que tocam de maneira única cada uma/um, que ainda precisamos caminhar muito para assegurar a educação a todas/os no Brasil.

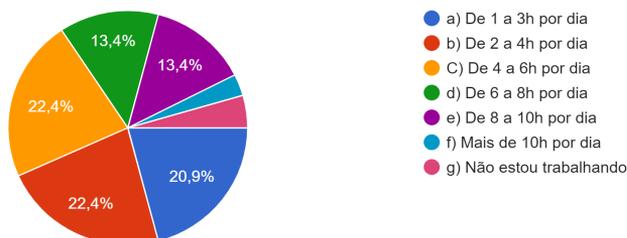
Acabamos de passar por uma mudança na educação brasileira na BNCC - Base Nacional Comum Curricular a qual foi implementada no ano de 2018, todavia essa mudança precisa ultrapassar as linhas do currículo escrito, sendo preciso assegurar vagas nas escolas, perto das casas das/os estudantes e com condições infraestruturais que os possibilitem permanecerem nas escolas e serem atravessadas/os pelas interações nestes espaços.

As TDIC são parte do processo, mas não precisam ser entendidas como um destino da humanidade. Ética e estética caminham juntas, e no processo de transformação social pelo qual passamos, com lugar de realce às TDIC, as inseguranças e inquietudes das/dos professoras/es, atravessados pelas experiências em atividades remotas emergenciais, nos deixam com muito mais perguntas do que respostas sobre os alcançes do processo de ensino e aprendizagem, nestes tempos.

A pesquisa aponta para alguns aspectos importantes quanto a discordância sobre o funcionamento das atividades remotas na rede pública, assim como o aumento de horas de trabalho em ambas as redes, uma vez que para atuar online se faz necessário ter um material que atenda a dinâmica das ferramentas usadas, não só por quem ministra as aulas, mas também por aquelas/es que vão ter acesso a esse conteúdo como: alunas/os, pais e responsáveis. Essas horas de trabalho na pandemia foram estendidas e desdobradas entre produções, formações, reuniões, *lives*, entre outros. Segue a distribuição por horas de trabalho durante a pandemia no gráfico abaixo:

15) Em média quantas horas você trabalha por dia para planejar e executar (e qualquer tipo e trabalho que envolva algo direcionado para as aulas remotas):

67 respostas



A pesquisa ainda apontou dúvidas e inseguranças de professoras/es que não acreditam em um ensino remoto com a mesma qualidade que o ensino e aprendizagem de aulas presenciais possibilitam. É possível refletir sobre novos desafios que a Educação tem pós-pandemia as quais vamos começar a entender nos retornos de aulas presenciais, visto que ainda que tenhamos uma noção a partir das aulas remotas, ficará mais explicitado quando as rotinas se normalizarem em ambas as esferas públicas e privadas por completas.

REFERÊNCIAS

CAMPOS. Dinah. Martins. Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. Ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

CASTELLS. Manuel. BORGES. Maria Luiza X. de A. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003.

COLL, C. MONEREO, C. **Psicologia da Educação Virtual: Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e Comunicação**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, H; FORD, S; GREENE, J. **Cultura da conexão**. São Paulo: Ed. Aleph, 2014.

LARROSA, Jorge B. Tremores: **Escritos sobre experiências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiências e Sentido.

LARROSA, Jorge B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, 2002. n° 19, pp. 20 - 28. ISSN 1413 - 2478.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

MINAYO, Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: (Org.) Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 14. ed. Vozes; Petrópolis, 1999.

NUNES, João Batista Carvalho, **Pesquisas online**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Ética e pesquisa em Educação: subsídios. Rio de Janeiro: **ANPEd**, 2019. 133 p.; v.1

OLIVEIRA, A. P. A.SILVA. A. G. P. BARROS. G. C. F. SALES.P.A. SANTOS. T.N.B **Guia para atividades remotas ferramentas digitais**. Recife, HUB Educat UFPE, 2020.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **VYGOTSKY Aprendizado e desenvolvimento Um processo sócio-histórico**. São Paulo. Editora Scipione. 1993.

PRIOSTE, Cláudia. **O Adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2006.

VIGOTSKI, L. S.;LURIA, A.R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11ª edição - São Paulo: Ícone; EDUSP, 2010.